

Aspirantes a escritor evitam o ‘não’ das editoras recorrendo a prêmios

Concursos apresentam ao leitor brasileiro uma nova safra de autores que talvez não entrariam em grandes editoras.

09 de agosto de 2013 | 21h 29

Notícia   **A+** **A-** Assine a Newsletter   Tweet 34

 Enviar  Recomendar  471 pessoas recomendaram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Maria Fernanda Rodrigues - O Estado de S. Paulo

Há prêmios que reconhecem o trabalho de um escritor ou a qualidade de um livro e dão um respiro à saúde financeira dos literatos – muitas vezes precária, já que é consenso dizer que não se vive da venda de direitos autorais. Nesta terça-feira (13), serão anunciados os finalistas do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, que premia o autor do melhor romance com R\$ 150 mil. Há 10 dias, o Prêmio São Paulo de Literatura encerrou as inscrições – concorrem 187 obras. Este ano, ele passa a premiar em três categorias: melhor romance (R\$ 200 mil), melhor romance de autor estreante com menos de 40 anos (R\$ 100 mil) e melhor romance de autor estreante com mais de 40 anos. O Portugal Telecom, que paga R\$ 50 mil aos vencedores das categorias romance, conto/crônica e poesia e mais R\$ 50 mil ao melhor dos três, revela até meados de setembro quem está no páreo. Existem outros nessa linha, como o Jabuti, o Paraná, o Benvirá etc.

Veja também:

- **Babel: Edusp leva autores a Frankfurt**
- **Mercado editorial encolhe em 2012**

E há prêmios que priorizam a produção literária de jovens autores ou de autores que nunca publicaram. Os melhores exemplos são os do Prêmio Governo de Minas Gerais, que ainda não lançou o edital deste ano, mas que tem uma opção interessante para jovens escritores mineiros (entre 18 e 25 anos): o autor do melhor projeto de livro ganha R\$ 25 mil para tocá-lo adiante. E o Prêmio Sesc, que só aceita originais de autores inéditos nos gêneros romance ou conto.

Desde que foi criado há 10 anos, o Prêmio Sesc apresentou aos leitores brasileiros uma nova safra de escritores que talvez não teriam entrada em grandes editoras. Já revelou 18 escritores das mais diferentes profissões – um professor universitário de química, um servidor público, uma estudante, um redator publicitário, um psicanalista e por aí vai. Pessoas com pouca ou nenhuma circulação pelo mundo literário. Alguns deles ficaram pelo caminho, outros, com esse pontapé, investiram na carreira. É o caso, por exemplo, de Lúcia Bettencourt, André de Leões e Luisa Geisler. Vêm novos nomes por aí – as inscrições estão abertas até 30 de agosto.

A questão do ineditismo é o que difere o Prêmio Sesc e o São Paulo, que também tem uma categoria de autores estreantes – mas neste caso, só concorrem livros já editados. Portanto, de autores que já venceram a primeira barreira.

Acostumado a receber originais, o editor Marcelo Ferroni, da Alfaguara, já foi um autor estreante. Seu *Método Prático de Guerrilha* saiu pela Companhia das Letras e ganhou o Prêmio São Paulo em 2011 nesta categoria, o que acabou dando mais visibilidade a sua obra. Em 2014, lança, pela mesma editora, *Da Parede, Meu Amor, os Escravos Nos Contemplam*. Como editor, diz que prêmios podem ajudar um autor, mas que não é só isso o que importa: “Se o autor tem algo no currículo, ou se é indicado por alguém de confiança, isso facilita seu caminho, para que ele seja lido mais rapidamente pelo editor. Mas no final, o que conta mesmo é a qualidade do livro.”

Naquele ano, o São Paulo ainda pagava R\$ 200 mil. Já o do Sesc não envolve dinheiro – e isso não importa aos vencedores ouvidos pelo **Estado**. Mais relevante é, na opinião deles, a oportunidade de ver o livro editado e distribuído pela Record, a maior editora do País. É esse o prêmio. Por sua vez, o Sesc organiza um intenso tour com os vencedores por suas unidades e por outros eventos, como a Jornada de Passo Fundo e a Flip – na programação paralela que a instituição promove durante a festa. Anualmente, o Sesc investe R\$ 500 mil nessas ações.

E foi lá em Paraty, no mês passado, que o advogado paraense Marcos Peres, de 28 anos, fez seu debut literário. Vencedor da última edição do prêmio com o romance *O Evangelho Segundo Hitler*, ele é exemplo de um novo movimento: de autores que têm preferido encarar outros concorrentes num prêmio do que esperar um milagre ou uma carta-padrão de uma editora negando o original. Quem o inspirou a tomar esse caminho foi o conterrâneo Oscar Nakasato, o professor que, com *Nihonjin*, seu romance de estreia, venceu o 1.º Prêmio Benvirá e o Jabuti.

Assine o Estadão

Assine o Estadão

PUBLICIDADE

Estadão Impresso
Todos os dias

POR APENAS
R\$ 59,90
/MÊS

PUBLICIDADE



CLIQUE E SAIBA MAIS

PUBLICIDADE

Siga o @EstadaoCultura no Twitter  Follow

estadão

 Curtir Você curtiu isso.

 Wylam Vassoler recomendou Incêndio criminoso destruiu papéis do Metrô - saopaulo. há 4 2 semanas

 Fabiana Beltrami recomendou Médicos do Sírio e do Einstein abrem clínica particular em Heliópolis - geral. há 4 um mês

 Mães criam grupo "antiterrorismo" contra empregadas - saopaulo - Estadão.com.br 3.267 pessoas recomendaram isso.

 Dilma supera Lula nas despesas com propaganda; juntos, gastaram R\$ 16 bi - politica - Estadão.com.br 5.522 pessoas recomendaram isso.

+ CULTURA

Lira Neto lança segundo volume da biografia de Getúlio Vargas

Filmes têm recepção fria em Gramado

Anima Mundi começa em momento rico para as animações

Eliana busca o novo fenômeno da internet

Festival de Gramado: a recepção tem sido fria como a temperatura

GALERIAS ESTADÃO



Mostrar o primeiro livro para um estranho não é tarefa fácil. A carioca Lúcia Bettencourt que o diga. Timida, ela passou a vida estudando literatura, escrevendo contos e cuidando do marido e dos quatro filhos. Resistia em mostrar sua ficção porque tinha uma carreira acadêmica e achava que passaria vergonha. Seu marido Guilherme ficou sabendo do Prêmio Sesc, que estava então em sua segunda edição, e disse que não havia mais desculpas. Como a inscrição seria feita com um pseudônimo, se não desse certo ninguém saberia. Foi ele quem organizou e imprimiu os textos e inscreveu o livro da mulher.

Mas Guilherme morreu em outubro de 2005, antes de saber que Lúcia tinha vencido – o anúncio seria feito em março do ano seguinte. “O prêmio foi minha tábua de salvação. Se não fosse por ele hoje eu estaria numa clínica de repouso, pirada”, comenta. Estavam juntos há 36 anos. “Ele se foi, e a literatura me deu sustentação.”

Ela deixou de ser Lúcia, a mulher de Guilherme (*ele era executivo de uma grande empresa*), e virou Lúcia, a escritora. O luto ela viveu viajando pelas unidades do Sesc. No interior do Paraná, ouviu de um leitor que um de seus contos tinha sido escrito para ele, e essa nova profissão começou a fazer sentido.

Outros livros vieram depois de *A Secretária de Borges*, e há um mês ela recebeu a notícia de que *O Banquete*, obra baseada em sua tese, tinha recebido o prêmio da Academia Brasileira de Letras na categoria crítica literária e R\$ 50 mil.

André de Leones, vencedor na categoria romance com *Hoje Está Um Dia Morto* no mesmo ano em que Lúcia ganhou, também não inscreveu o livro sozinho. À época, ele tinha terminado um curso de cinema em Goiânia e estava de volta à casa dos pais, em Silvânia. Entre os 19 mil habitantes, estava o escritor Aldair Aires, que tomou a iniciativa. “Se não fosse pelo prêmio, é provável que eu estivesse lecionando no interior de Goiás e dependendo de editais para, com sorte, publicar meus livros localmente”, conta o escritor. Numa das viagens para divulgar o prêmio, conheceu, em Paranaguá, sua primeira mulher. Foi a deixa para ir embora de vez de Goiás. Participou do projeto Amores Expressos, publicou mais quatro livros pela Record e pela Rocco e está em outras tantas antologias – internacionais, inclusive. Vive hoje em São Paulo e é colaborador do *Caderno 2*.

No ano seguinte, foi a vez dele dar uma mão a um colega. Wesley Peres, psicanalista em Catalão, não achava que seu romance *Casa Entre Vértebras* seria considerado no prêmio “porque estava no limite entre prosa e poesia”. Foi Leones quem a inscreveu. Wesley já tinha lançado dois livros de poemas. Depois do prêmio, investiu num segundo romance, o *Pequenas Mortes*, publicado recentemente pela Rocco.

Luisa Geisler foi a mais jovem escritora premiada pelo Sesc e tem uma das carreiras mais promissoras. Ela tinha 17 anos e fazia a oficina literária do Luiz Antonio de Assis Brasil quando soube do concurso. Ajeitou alguns contos, fez outros e inscreveu *Contos de Mentira* na premiação. Levou. No ano seguinte, em 2011, resolveu experimentar o romance, e escreveu *Quiçá*. Levou de novo. No mesmo ano, foi selecionada para a *Granta Melhores Jovens Escritores Brasileiros* e o romance que escreve agora sairá pela Alfabeta, uma das principais editoras na área de ficção. “Sem o Prêmio Sesc, minha carreira estaria na estaca zero em termos de publicação”, conta a estudante de Relações Internacionais e Ciências Sociais.

“A ideia é justamente essa: que o prêmio dê o primeiro empurrão na carreira literária dos autores, e que eles possam assim construir as suas trajetórias”, explica Henrique Rodrigues, um dos idealizadores do concurso.

De fato, o prêmio deu o pontapé na carreira de muitos dos vencedores. Alguns passaram a acreditar na vocação, abandonaram a ideia de autopublicação ou de publicação por uma editora regional, e tentam viver de literatura. Outros conciliam a profissão com a escrita. É o caso de Marcos Peres, servidor do Tribunal de Justiça, em Maringá e autor do melhor romance deste ano. “A questão de ser apenas um escritor é quase uma utopia. Eu consigo conciliar o ato de escrever com meu trabalho”, diz.

O publicitário João Paulo Vereza, vencedor este ano com os contos de *Novelotas*, conta que ainda não descobriu o que é ser escritor. Sempre escreveu, nunca publicou. “A literatura sempre foi meu playground, o espaço onde me sinto livre e confortável.”

Estádio PME - Links patrocinados

Saturno Mudanças Residenciais

Mudanças residenciais, segurança e agilidade ao melhor custo/benefício
www.saturnomudancas.com.br

Alambrado em até 10x

Telas e arames direto do fabricante - consulte
www.karamurutelas.com.br



Gastón Acurio



ESPECIAIS

Dia da música brasileira
 Qual é o maior clássico de todos os tempos?



É Tudo Verdade 2013

DOCUMENTÁRIOS
 É tudo Verdade reúne 82 filmes e tem entrada gratuita; veja os destaques e aproveite



LITERATURA
 Um desejo realizado



Mar
 Obra em forma de onda